

REPRESENTATIVIDADE E DILEMAS DA JUVENTUDE GAY NA CENA INDEPENDENTE POTIGUAR: Uma Resenha Crítica Do Filme *O Mistério Das Noites Brancas*

REPRESENTATIVITY AND DILEMMAS OF GAY YOUTH IN THE POTIGUAR INDEPENDENT SCENE:
A CRITICAL REVIEW OF THE MOVIE *O MISTÉRIO DAS NOITES BRANCAS*

Allyson Darlan Moreira¹
Felipe Gustavo de Moura Américo²

Dirigido pelo potiguar Lucas Fernandes, *O Mistério das Noites Brancas* (BR, 2018) é uma produção independente realizada pelo coletivo Drone em Chamas em parceria com a produtora Jubarte Filmes, o Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e com participação voluntária de uma equipe de atores, técnicos e assistentes. O longa-metragem do gênero drama é inspirado no livro “Noites Brancas” do escritor russo Fiodor Dostoiévski, e teve sua estreia em abril de 2018 como parte integrante da mostra competitiva do Cine Fest RN, realizado no Cinemark Natal, no Rio Grande do Norte.

Sem qualquer recurso proveniente de apoio público-privado, o diretor e roteirista Lucas Fernandes, de 27 anos, embarcou em uma empreitada ousada – própria de quem se atreve a produzir audiovisual no Rio Grande do Norte – ao traçar sua narrativa em dois

universos distintos e geograficamente distantes, como o Brasil e a Rússia, com imagens gravadas em Natal, no nordeste brasileiro, nas cidades russas de Moscou, São Petersburgo e Toston, e ainda em uma floresta nos arredores da cidade de Lappeenranta, na Finlândia. O longa foi produzido, inicialmente, como trabalho de conclusão de Lucas Fernandes no curso de bacharelado em Rádio e TV da UFRN, mas alçou voos mais ambiciosos à medida que se foi concretizando.

O Mistério das Noites Brancas trata sobre os dilemas da juventude, intolerância religiosa, homofobia e suicídio no cruzamento da trajetória de vida de três personagens protagonistas da trama. Iuri Araújo, interpretado pelo próprio diretor do filme, é um jovem universitário em via de concluir a graduação. O perfil rebelde de Iuri, potencializado pelas tensões com o trabalho final do curso, vai chocar com seu orientador

¹ Jornalista, mestre em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN), doutorando em Ciências Sociais (PPgCS/UFRN), membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Diversidade Sexual, Gênero e Direitos Humanos – TIRÉSIAS e do Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura – MARGINÁLIA.

² Graduado em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela UFRN e membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Diversidade Sexual, Gênero e Direitos Humanos – TIRÉSIAS.

Alexander Vladmirovich, interpretado por Olavo Bessa. Alexander nasceu na região da Karélia, ao noroeste da Rússia, onde os dias intermináveis que marcam o solstício de verão originam o fenômeno chamado “noites brancas”, que dá título ao filme. O personagem é marcado por um passado misterioso que vai se apresentando ao longo da trama em sonhos confusos, pesadelos e flashes que remetem a uma juventude marcada por uma tragédia. Teólogo, adepto de fé ortodoxa e defensor de clichês moralistas como a integridade da família tradicional e do caráter desviante do “homossexualismo”, Alexander, já nos primeiros encontros de orientação, se choca com a permissividade de Iuri, que se recusa a assumir papéis que são considerados padrões na sociedade. Em meio à turbulenta relação dos dois, Suzane, melhor amiga de Iuri, sofre com a perseguição dos pais, que não aceitam que ela esteja namorando uma garota. Os dilemas da aceitação familiar, a iniciação da vida adulta e conflitos morais no campo da sexualidade tensionam todo o desenvolvimento dramático da trama.

O longa-metragem se mostra ambicioso em sua intenção, mas apresenta dificuldades em demonstrar o fôlego necessário para narrativas mais longas. A curva dramática se arrasta na primeira metade do filme, e só avança na segunda metade com o aprofundamento do estado de depressão da personagem Suzane e a tragédia central da história, quando alcança o clímax. A progressão da curva dramática é prejudicada por sucessivas cenas de repetição, como as duas vezes em que Iuri aparece dando banho na amiga Suzane, após chegarem bêbados da balada, e nos vários encontros de orientação com o professor, cujo teor da conversa não apresenta, muitas vezes, novidades. Neste sentido, evoca-se

um caráter muito mais afim da linguagem televisiva à cinematográfica. Talvez por isso o filme tenha escorregado sobremaneira em clichês recorrentes em tramas novelescas que tratam da relação homossexualidade e moralismo cristão. A máxima “o cinema ama o silêncio” de Jean Claude Carrière (2006), em alguns momentos do longa, poderia ter sido levada mais à risca.

As cenas gravadas na Rússia e Finlândia, apresentadas em ângulo subjetivo nos sonhos e memórias do professor Alexander, são o ponto alto da qualidade visual do filme. Um tanto melancólicas e misteriosas, ajudam a entender o passado do personagem e a associação dessas memórias que ele faz na atualidade diegética com seu orientando Iuri. Algumas cenas gravadas em contra-plongée e ângulos diversos não tiveram a captação de áudio correspondida, prejudicando de forma relevante a perspectiva do som. Esse detalhe pode ser observado ainda em uma das cenas em que o personagem Iuri dá banho na amiga. O som ambiente gerado no chão se sobressaía aos tons das falas, mesmo a tomada tendo sido em plongée, e vice-versa. Para além dessas considerações pontuais, o saldo final, contudo, continua positivo, principalmente se levarmos em consideração a belíssima trilha sonora original do filme, que conta com contribuições de artistas potiguares como Igapó de Almas (“A fechadura”, “Amanhecendo”, “A bruxa no trecho” e “Até sonhar”), Mc Priguissa (“Amor bandido” e “Cura”), Lili Bélica (“Prática verbal” e “Rimas e café”) e Eli (piano).

A fotografia do longa se preocupa menos em representar uma Natal turística e atenta para o caráter cosmopolita da região, ao criar conexões com a cidade do personagem Alexander na Rússia. Os sonhos de Alexander,

que remetem ora a Rússia ora a Natal, refletem todo o conflito de emoções que o personagem passa, e a fotografia faz perfeitamente esse trabalho. O diretor optou, neste caso, por montagem intelectual (EISENSTEIN, 1990) como forma de expressar uma informação inconsciente, com imagens aparentemente desconexas. Esse tipo de montagem se dá a partir de cortes de continuidade e de compilação, “que condensam tempo e espaço, ou uma série de planos desconectados, para apresentar uma impressão, em vez de reproduzir o fato”, segundo Joseph V. Mascelli (2010, p. 175), dando ao espectador margens para compreensão subjetiva da narrativa.

As cenas do quarto de Iuri, em grande parte, ocorrem em planos muito próximos e tomadas em plongée, revelando intimidade e opressão decorrentes dos conflitos vividos pelo personagem. Na direção de arte de *O Mistério das Noites Brancas*, a paleta de cores vai do terroso ao tom pastel, mais ligado ao professor Alexander – remetendo a neutralidade, vazio, ao fazer alusão ao clarão das noites brancas que marca a juventude perturbada do personagem. As cores mais escuras, por sua vez, encontramos no quarto de Iuri, sobretudo âmbar e marrom, explorando a atmosfera de repressão e solidão que representa o aposento, onde ocorrem os principais diálogos entre o personagem e a melhor amiga Suzane.

Os conflitos familiares em torno da aceitação da orientação sexual de Suzane e Iuri são essenciais no desenrolar de toda a trama, mas a família de ambos não aparece em nenhum momento. Sabemos dos conflitos somente a partir dos diálogos entre os personagens, como causa resultante do definhamento de Suzane e no embate entre Iuri e Alexander. Os espectadores são convidados

a preencher esse vazio com o imaginário que os habita na vida cotidiana, dos conflitos domésticos e da homofobia rotineira que é tratada na mídia. No mais, o longa de Lucas Fernandes aborda questões tabus sem cair no risível ou no blasé. É corajoso desde a sua concepção, passando pela produção colaborativa e o resultado conclusivo. Após 86 minutos, os créditos finais sobem, deixando suspensas inúmeras perguntas não respondidas e uma profunda angústia com o desfecho da trama.

No Brasil, um dos países onde se mais comete crimes contra gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans no mundo, segundo dados de várias ONGs locais, abordar questões caras à nossa sociedade como a lgbtfobia, suicídio entre jovens e diversidade sexual se faz imprescindível para o projeto de nação civilizada e igualitária a que almejamos. *O Mistério das Noites Brancas* aposta na linguagem jovial sem deixar de ser maduro, traz em si a representatividade gay para a cena potiguar, que nos últimos anos vem se transformando com a crescente produção a partir das novas tecnologias de comunicação e informação que facilitaram a produção, divulgação, distribuição e captação de recursos financeiros e humanos, através, entre outros, dos sites de redes sociais na internet.

REFERÊNCIAS

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. São Paulo: Zahar, 1990.

MASCELLI, Joseph V. **Os cinco Cs da cinematografia: técnicas de filmagem**. Tradução de Janaína Marcoantônio. São Paulo: Summus, 2010.

O MISTÉRIO das noites brancas. Direção e roteiro Lucas Fernandes. Natal: Drone Em Chamas, 2018. 1 DVD (86 min.).